

## **Imagens da África: a independência de Angola aos olhos da VEJA**

Juvenal de Carvalho  
Universidade Federal da Bahia

As classes dirigentes brasileiras desenvolveram uma política agressiva e deliberada de cortar os vínculos que ligam nosso país à África. Essa tendência geral da nossa história tem dois momentos marcantes. Inicialmente, quando a organização da economia canavieira e a necessidade de acumular riquezas com o tráfico de escravos exigiam a vinda de milhões de africanos, operou-se o primeiro corte: povos de culturas distintas, misturados, afastados dos referenciais formadores de suas identidades, para serem transformados, todos, indistintamente em negros. O africano era então sinônimo de maldade e feiúra. Somando-se a isto a ruindade e esterilidade do clima das terras africanas, estava firmada a idéia de inferioridade que justificava a escravização. Com o advento do trabalho assalariado e a república a questão da identidade nacional assume enorme relevância. Todo esforço seria então realizado para dar ao Brasil a aparência de uma nação européia. O embranquecimento da nação passaria, entre outras coisas, pelo mais completo afastamento da África e pela destruição dos sinais que traduzissem a herança africana. A África passa a ser vista como uma totalidade geográfica e humana homogênea, desconhecida e distante.<sup>1</sup>

A idéia de África que predomina na consciência dos diversos grupos sociais brasileiros esta assim informada por este distanciamento, pela desinformação em primeiro lugar e depois por um conjunto de noções carregadas de valores negativos que só confirmam o desejo, dos que a ela tem acesso, de se distanciar do continente africano, de suas culturas e suas tradições. A origem destas imagens pode ser localizada já no século XVI, construídas pelos portugueses, sendo realimentadas pelo longo período do tráfico negreiro pelo Atlântico.<sup>2</sup>

### **VEJA**

A formação desta consciência coletiva conta com variados instrumentos. A imprensa, certamente, é um dos mais importantes. No século XX, quando os veículos de informação tornaram-se instrumentos de massa, o papel que passam a desempenhar na construção de hegemonia tende a ganhar primazia sobre outros mecanismos como a escola ou a religião, por exemplo. Com base nesta suposição é que buscamos analisar o discurso da VEJA sobre a África, estudando um caso específico a saber, a cobertura da independência de Angola. A VEJA, como ela mesmo se define,<sup>3</sup> procura relatar os fatos, interpretando-os e retirando suas próprias conclusões. Constrói, portanto, uma abordagem, uma idéia, uma imagem sobre a África através das suas palavras e ilustrações. Por este motivo pode constituir um rico indicador de traços da consciência das classes dirigentes brasileiras.

Para este estudo analisamos todas as edições da Revista VEJA entre 11 de setembro de 1968 e 26 de dezembro de 1979. Estudamos ainda a edição especial dedicada aos 30 anos da revista. No total foram 591 edições. A primeira referência feita pela VEJA ao processo de Independência de Angola está na sua edição N.º 02:<sup>4</sup> O estudo vai até o ano de 1979 quando uma “fase se encerra” para a Revista, para Angola e para o Brasil. Em março deste ano o governo Geisel foi substituído pelo governo do general Figueiredo. Em setembro, Agostinho Neto, Presidente de Angola, faleceu. A troca de comando político nos dois

países levou a VEJA a publicar matérias extensas fazendo um balanço dos governos que se encerravam.<sup>5</sup> Para a revista, o ciclo se encerra com uma edição especial que faz um balanço das principais notícias da década.<sup>6</sup>

As fontes utilizadas por VEJA em sua cobertura sobre Angola são variadas mas nem sempre explicitadas. Os relatos das agências de notícias e as entrevistas dos seus repórteres, correspondentes e enviados especiais são a fonte básica. Porém, uma referência discreta aparece em inúmeras reportagens. São as fontes do governo dos EUA. Em alguns momentos uma “*fonte do departamento de estado*”, e com certa frequência a “CIA”, “*os serviços secretos dos EUA*”, os “*serviços de espionagem dos EUA*”, ou ainda segundo o “*Pentágono*”. Ressalta-se ser a VEJA uma revista de informação e opinião!

### Angola

As palavras da VEJA formam uma idéia da África. Através delas constituiu-se uma imagem do processo de descolonização em Angola que associa o continente africano a noções de irracionalidade, selvageria, atraso econômico, atraso cultural, a incapacidade e a morte. Assim é que a independência de Angola aparecera sempre como um subproduto da política interna de Portugal, quando aparece naturalmente. Todas as iniciativas dos diversos grupos que lutaram pela libertação não foram “importantes” ou “interessantes” nos critérios da VEJA<sup>7</sup> pois simplesmente não foram relatados. Encontraremos uma ou outra referência sobre o impacto destas iniciativas na política interna de Portugal. Não era portanto Angola que estava sendo noticiada, mas sim Portugal. Esta mesma perspectiva se renova depois da proclamação da independência. A partir daí é a guerra fria, o avanço comunista ameaçando as reservas de matéria-prima do ocidente que reflete no conflito angolano. Nos dois casos, o centro da abordagem é sempre externo. Angola ocupa então, sempre, um papel secundário no texto da VEJA.

*“Na África, talvez como toque de finados para uma era, os anos 70 registraram o sepultamento dos últimos vestígios do colonialismo. Com a queda do salazarismo em Portugal, ganharam sua independência, Angola, Moçambique e Guiné...”<sup>8</sup>*

O lugar secundário de Angola aparece de modo vigoroso na explicação de VEJA para a independência do país. No lugar da independência conquistada o que ocorreu para a VEJA foi a “*descolonização concedida, a retirada, desejo português de sair, se livrar das suas colônias*”. Tudo consequência daquela data decisiva, o 25 de abril, dia do “golpe” que acabou com o salazarismo. O elemento africano, os quatorze anos de guerra contra o exército português em Angola e nas outras colônias, que tão pesadamente onerou a sociedade portuguesa nada significou. VEJA despreza até mesmo o fato do “golpe” de 25/04, ou a “Revolução dos Cravos”, ter sido feito por um exército que não queria mais lutar, que não suportava mais a situação nas frentes de combate. Mais ainda, desconsidera que o objetivo desta revolução era justamente acabar com a guerra colonial e aceitar a independência reivindicada pelos africanos. Onde estaria o papel secundário e passivo dos angolanos?

Angola quando aparece vem sempre associada, comparada ou identificada com uma natureza hostil. Deste modo é descrita a vida, os costumes, as pessoas, as organizações e os seus atos. A narrativa dos acontecimentos da guerra é um exemplo eloquente. São as “atrocidades”, a “ferocidade”, a “selvageria”... atitudes jogadas no terreno da irracionalidade, típicas de um mundo sem civilização. Mais uma vez não se leva em conta o significado da colonização, da opressão secular, das mutilações criadas com fronteiras impostas artificialmente. Além disto trata-se das atrocidades de guerra como se estas fossem um privilégio exclusivo, símbolo da selvageria típica do homem africano.

*“A África é tudo isso: sangue, penúria, guerra, uma nova vontade de se afirmar, uma nova consciência de si mesma. Dos 47 países do continente, 45 vivem sob ditaduras militares, regimes de partido único, governos de minoria branca, sobrando apenas dois, Gâmbia e Botswana, onde se permite algum tipo de oposição. Depois de séculos de esquecimento e submissão, a África desperta dolorosamente para a vida e hoje, muitas vezes vê as desgraças impostas pelos países colonizadores serem substituídas pelas que são teleguiadas pelas potências mundiais e seus aliados”.<sup>9</sup>*

O angolano para a VEJA estava condenado a ser coadjuvante neste espetáculo que ela denominou de descolonização e guerra fria. “Marionetes”, no meio do jogo de interesses das grandes potências, fundaram uma “*república que não se sustentaria sem a intervenção direta dos cubanos*”. A presença cubano-soviética é sempre descrita como “*intervenção ou ocupação aberta, direta, maciça*”. Ao contrário, a presença “*das potências ocidentais*” é sempre vista como ajuda, apoio indireto, modesto, irrelevante, apenas para evitar a expansão comunista. Mesmo esta “ação humanitária” só aparece nas páginas da VEJA abertamente quando a imprensa dos EUA denuncia as atividades da CIA iniciando um debate público sobre a estratégia do país para Angola. São raras as vezes em que os EUA são citados diretamente, VEJA preferiu falar sempre em “ajuda da Potências Ocidentais” contra a “intervenção soviético-cubana”.

VEJA surpreende-se quando surge uma iniciativa angolana que foge do seu esquema explicativo. Para ela o angolano é o colonizado, subordinado, dependente, marionete, teleguiado. Incapaz portanto de estabelecer objetivos, fazer opções e desenvolver estratégia para atingir seus próprios interesses. Por isso não se entende porque um governo comunista, como o do MPLA, que na lógica da guerra fria vista por VEJA, deveria ser um satélite de Moscou, trabalhava para estabelecer relações normais com as “*Potências Ocidentais*” ou, diretamente falando, com os EUA. Seria isto uma atitude ilógica, irracional, pragmática, sem sentido ou significava uma opção bem definida de isolar adversários, para reconstruir o país com o mínimo de oposição?

Ao ler a VEJA, infelizmente você não poderá decidir. Opções abertas, alternativas variadas, fatos abordados em diferentes perspectivas não são os traços característicos da revista. Nela tem-se uma interpretação, uma imagem. Trata-se de uma abordagem monolítica na qual o oposto, o contraditório só aparece para ilustrar, ratificar e ampliar as conclusões da própria revista. Uma longa entrevista com Fidel Castro <sup>10</sup>serve bem para confirmar a intervenção

cubana em Angola, e o papel secundário que os angolanos desempenham na abordagem de VEJA.

Essas observações iniciais levantam um problema para a minha pesquisa, que está em andamento. A revista Veja, que se auto-definiu em uma campanha publicitária de 1998<sup>11</sup> como “os olhos do Brasil”, construiu, com suas ilustrações, mas principalmente com suas palavras, uma imagem da independência da “Rica Angola”. A VEJA considera a independência como uma concessão de Portugal que estava ansioso para sair, desvencilhar-se do angolano selvagem, irracional, atrasado cultural e economicamente, patrocinador de atrocidades, guerras e mortes, teleguiado pelas potências. Como pensar que esta imagem seja reproduzida pela VEJA quando os governos militares brasileiros promoviam uma “virada para África”, chegando a reconhecer o governo comunista do MPLA?

#### **Notas Bibliográficas:**

- 1- Nesta parte interpreto, livremente, a obra de JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES, *Brasil e África: outro horizonte*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1961
- 2- RODRIGUES, *Brasil e África, cap.1*
- 3- Ver VEJA: Ano 31, n 42, *Edição Especial 30anos*, SET-1998, p. 146
- 4 -Ver VEJA: 02-18/09/68
- 5-Ver VEJA: 549-14/03/79 e VEJA: 576-19/09/79
- 6- Ver VEJA: 590-26/12/79
- 7- Segundo Roberto Civita, editor da Veja, o compromisso da revista é: “informar a verdade..., opinar, explicar..., escrever bem, transformar o importante em interessante..., com isenção e responsabilidade”, Ver *Edição Especial*, p.146
- 8-VEJA: 590-26/12/79, p. 26
- 9-VEJA: 450-20/04/77
- 10-VEJA: 462-13/07/77
- 11-VEJA: *Edição Especial*, p. 128